

**ANIMANDO AS PALAVRAS...**  
**COMO OS MODOS DE RESPOSTA INTERFEREM NO FUNCIONAMENTO**  
**DISCURSIVO (DIALÓGICO) NO INTERIOR DOS ENTRE-LUGARES <sup>1</sup>**

Luiz Felipe Santos Perret Serpa<sup>2</sup>

Esse projeto de mestrado, inserido na linha de pesquisa de *Filosofia, Linguagem e Práxis Pedagógica*, parte de um outro projeto de campo envolvendo experiências de estudantes universitários que se propuseram a conviver com grupos coletivos da região de Santiago do Iguape e São Francisco do Paraguaçu – distrito e povoado, respectivamente, do município de Cachoeira –, com o intuito de buscar novos caminhos para a Universidade e para o desenvolvimento humano local, de acordo com os valores destes.

No entanto, essa experiência com ambas localidades já alcança quatro anos e os materiais acumulados, tanto escritos e orais como os imagéticos, exprimem os frutos de uma convivência ininterrupta. Como não podemos explorar todo o material, ainda não sistematizado, temos de privilegiar alguma parte dele.

Por isso, optamos por recolher alguns relatos de viagem para análise que surgem a partir da experiência anterior supracitada.

E é fundamentalmente o **funcionamento discursivo (dialógico)** que trataremos nesses relatos, priorizando o foco em como os modos de resposta tensionam as possibilidades de sentido nas diferentes situações de leitura das relações entre estudantes universitários e grupos humanos e entre nós mesmos, colegas de projeto, e como conseguem sustentar a convivência entre as diversas instâncias dialógicas, mesmo diante da instabilidade dos entre-lugares. O que quer dizer isso? No funcionamento do discurso, temos o lugar da interação, que é o que nos interessa. E já que tomamos o conceito de leitura como **produção**, cada trabalho de linguagem requer uma resposta ativa para que haja compreensão e aprendizagem, senão teríamos uma duplicação do pensamento próprio no espírito do outro (Bakhtin, 1992). Essa resposta responde <sup>3</sup> a diversas instâncias de enunciadores na posição de locutores, incluindo o próprio locutor, responsável pelo enunciado. Em se tratando desse caso específico – um trabalho de campo – as possibilidades de resposta ativa podem variar de destino, englobando desde os grupos humanos de culturas diferentes até os próprios colegas de outros cursos imersos na dinâmica, passando pelas cobranças do próprio financiador do projeto; e também podem variar em graus.

Saberia a escola lidar com outras possibilidades tensivas de sentido em situações de convivência? Tem exercido a escola essa potencialidade responsiva, inerente ao **funcionamento discursivo (dialógico)**? Sabemos que quase nunca. Por isso, com esse estudo, poderemos oferecer subsídios para práticas de sala de aula, principalmente aquelas que dizem respeito à leitura e produção de textos, já que trabalharemos com leitura de situações e de textos através dos próprios relatos dos estudantes – fruto de um trabalho de campo.

É bom lembrar que a concepção de trabalho de campo influi na convivência com as pessoas do local. Quando o trabalho de campo se confunde, apenas, com aquelas práticas assistencialistas ou de prestação de serviços em que não há convivência continuada, mas sim fortalecimento da dependência, o conhecimento é fabricado para consumo da sociedade, sem haver um diálogo sobre o que se está sendo produzido. Os grupos humanos consomem os valores herdados de uma tradição

---

<sup>1</sup> Projeto de dissertação, sob orientação da Professora Dra Dinéia Maria Sobral Muniz. Agência Financiadora: CAPES.

<sup>2</sup> Mestrando em Educação (FACED/UFBA).

<sup>3</sup> Desculpem-nos a redundância, mas há uma intenção de reforçar o sentido de responsividade.

iluminista, pouco importando a aquisição de instrumentos considerados necessários para a dinâmica social. Não estamos, entretanto, condenando alguns serviços prestados pela Universidade para com as comunidades.

Pensamos, no entanto, que enquanto forem confundidos apenas com extensão – no sentido de prolongamento das práticas em sala de aula, de ilustração de uma teoria ou algo do tipo –, ou com espaços abertos à prestação de serviços e assistencialismo (e ainda hoje são assim compreendidos), os trabalhos de campo não poderão trazer possibilidades diversas de estudos e jamais serão observados numa teia de envolvimento com fios variados oriundos de diferentes ramos da atividade humana, que exigem diferentes posturas, diferentes modos de resposta. Enquanto as pessoas forem enxergadas como objetos de estudo, sem qualquer atenção para suas ontologias, as produções textuais, leituras das relações, expressarão aquilo que caracteriza os não-lugares, tidos como espaços de passagem, sem história, cuja característica primordial é a condição idêntica dos indivíduos – um aeroporto seria um exemplo em que os passageiros anônimos ficam à espera do horário de embarque de um determinado avião –; nesses espaços a única forma de identificação se dá ao entrar e sair do não-lugar. O anonimato permanece entre os passageiros. Essa é a essência de um não-lugar, em que a grande mola-mestra é o consumo.

O que queremos estudar, entretanto, são os entre-lugares. Estes são propiciados pela convivência entre grupos humanos locais e estudantes da universidade em que há uma possibilidade de enriquecimento dos lugares de origem (“universidade” e “comunidade”)<sup>4</sup> ou quem sabe a criação de novos lugares – tomando o termo “novos” não como o abandono total dos jogos jogados (o vivenciado, as experiências passadas), nem como fusão para o surgimento de um lugar híbrido que pressuponha a aniquilação dos de origem. Esses entre-lugares não são caracterizados pela permanência. São lugares instáveis que se dissolvem logo ou não, dependendo do grau de envolvimento e dos modos de resposta, da ressonância entre os conviventes, sedimentando algo que modifica as relações no interior tanto da “universidade” como da “comunidade” – aí está a essência do novo.

No Projeto Paraguaçu, sempre pautamos nossas ações nessa idéia do entre-lugar, buscando construir, conjuntamente, coisas que não ferissem os valores dos grupos humanos, apenas enriquecendo seus modos de vida. Para a instituição, desejamos criar novas possibilidades de estudo, de vivência de ambientes e situações e convivência entre sujeitos.

E por que tomamos esse recorte? Existe uma fetalidade com os trabalhos de campo que não podemos ignorar: desde ingresso na UFBA, procuramos nos relacionar afetivamente e efetivamente com grupos humanos diferentes, desenvolvendo amplas simpatias por processos que envolvessem, particularmente, a construção de sentidos. E pensamos que é esse o espaço em que a potencialidade responsiva flui, pois somos exigidos a aguçar a nossa sensibilidade, uma vez que não limitamos a vida ao conhecimento, apenas.

Acresce, enfim, a contemporaneidade do trabalho, já que estamos em uma época em que cada vez mais se fala de construção conjunta e mudança, a ponto de se banalizar, pelo uso, o sentido denotativo dessa expressão, tomando ares de demagogia. Estamos passando por debates cada vez mais efervescentes acerca das práticas universitárias e quanto aos métodos utilizados em sala de aula. Estamos passando por uma des-continuidade de relações fruto de reações e respostas descontextualizadas e, por isso, insuficientes dentro do campo discursivo determinado. Estamos passando por um período histórico em que cada vez mais a intolerância para com o diferente tem ocasionado guerras pelo poder. Estamos passando por um período em que as “negatividades” têm prioridade nos estudos do que as “positividades”. Isso vem se refletindo também nos discursos e, sobre isso, Santos (2001, p. 126-127) nos diz: “É o mundo da ideologia: se o mundo foi feito pelo discurso, tem que ser reconstruído pelo discurso. Isso talvez dê essa permanência ao papel do intelectual. O mundo atual é movido pelo discurso”.

---

<sup>4</sup> Essa denominação, na nossa concepção, reduz, e muito, as relações intersubjetivas de convivência dentro desses grupos humanos e mesmo dentro da instituição. Criamos a ilusão de coesão absoluta entre as pessoas e esquecemo-nos dos conflitos ideológicos, políticos, econômicos e outros que atravessam o cotidiano desses lugares.

Este projeto de mestrado vem, por isso, com essa proposta de estudo dos modos de respostas, tensionar as possibilidades de sentido, o que tem sido cada vez mais difícil porque ou preferimos, comodamente, focar em uma das instâncias dialógicas (o *eu*, o *tu* ou o *ele*)<sup>5</sup>, ou defender uma valoração dos sentidos parafrásticos (o mesmo, o instituído), ou dos sentidos polissêmicos (o diferente, o instituinte), promovendo guetos e evitando o dialogismo que, no nosso entendimento, é alimentado pela tensão entre ambos pólos. Relacionar os nossos modos de resposta com a situação nos parece um desafio, na medida em que estamos perdendo ainda mais a nossa sensibilidade, tornando-nos “máquinas de expressividade”.

Elegemos como pretensão principal entender como os sujeitos fazem funcionar os processos dialógicos, observando-os dentro dos entre-lugares e na convivência continuada como um todo. Para isso, tomaremos as situações de leitura dentro de um campo discursivo determinado (o dos trabalhos de campo), associando-as as suas condições de produção. Queremos, pois, estimular a atenção aos modos de resposta nas práticas pedagógicas (de leitura e produção de texto, especificamente), por parte dos envolvidos nessas atividades (estudantes e professores), visando uma convivência continuada em sala de aula e fora desta. Para isso, centralizaremos nossa análise em três atitudes:

- 1) Estudaremos as possíveis instâncias dialógicas, que abrangem as relações do locutor com ele mesmo, com seus colegas de trabalhos de campo, com os colegas de projeto, com o financiador, com a instituição, com a comunidade etc., dentro de uma situação possibilitada pelo entre-lugar;
- 2) identificaremos e relacionaremos as diferentes formas de reações-respostas, conforme as variadas instâncias;
- 3) analisaremos como essa teia de respostas e instâncias tensionam as possibilidades de sentido e ação e garantem a convivência duradoura dentro do projeto, mesmo com a instabilidade dos entre-lugares.

É por aí que arriamos nossa agulha e linha. Adotaremos essa noção de *movimento* do texto. O texto visto nessa concepção se equivale ao discurso, porque associa o texto empírico aos participantes, ao quadro espaço-temporal e aos objetivos associados ao trabalho simbólico, isto é, às condições de produção que singularizam a enunciação como momento único.

É a interação social que faz o texto se movimentar. E nessa interação, nessa relação do texto empírico com as condições de produção, podemos destacar a intertextualidade como condição da unidade do próprio texto.

Portanto, a leitura é tida como uma atividade produzida, porque o leitor interage com o autor do texto. Se temos, múltiplos leitores, esses constituirão múltiplas leituras e, conseqüentemente, o texto vai ampliando seus sentidos acumulados, que influenciarão os próximos. A leitura é processo e inclui a atividade de escrita, faz parte da compreensão do texto.

Dito isso, passemos a nossa postura metodológica. Tomando, então, as classificações nos moldes acadêmicos, imaginamos que a proximidade da pesquisa é com o estudo de caso, pois analisaremos um número não muito abrangente de relatos, mas haverá uma preocupação em aprofundar a análise, visando ter uma compreensão maior de uma situação gerada pelos entre-lugares que chegaram a se desenhar e como essa situação contribui para a convivência continuada.

Entretanto, avaliamos que o período de tempo correspondente aos quatro anos de convivência nas comunidades é inviável para estudo focado no fenômeno dos modos de resposta, de forma que, se abraçássemos todo o material dos relatos, provavelmente não terminaríamos as análises a tempo de finalizarmos o mestrado dentro do seu prazo máximo. Por isso, haverá necessidade de fazermos o recorte das duas situações escolhidas para estudo que envolvem a demanda de construção de uma biblioteca comunitária, bem como a de circulação de um jornal na

---

<sup>5</sup>Tomados, aqui, não no sentido aritmético, pois o diálogo pressupõe um número ilimitado de participantes (Bakhtin, 1992), contidos nesse eu, tu e ele.

região do Vale do Iguape.

Daí, julgamos por bem integrar nossos estudos no que Bogdan & Biklen (1994, p. 93) denominam **análise situacional**, porque...

Nesse tipo de estudo é investigado um determinado acontecimento (por exemplo, a expulsão de um aluno da escola) do ponto de vista de todos os participantes (o aluno, os seus amigos, os pais, o diretor e o professor que desencadeou a ação). Os registros do caso podem ser utilizados de forma alargada.

Como o projeto estava em andamento, já o material estava em mãos, não necessitando passar por todas as etapas de coleta e de trabalho de campo, como já destacamos.

As situações escolhidas partem de vivências nas regiões de Santiago do Iguape e São Francisco do Paraguaçu, como já dissemos. E onde estão essas duas localidades? Ambas fazem parte do chamado Vale do Iguape. Cerca de aproximadamente 6 mil habitantes estão distribuídos por esse Vale, que inclui todos os povoados (Caonge, Dendê, Calembá, Calolé, Engenho da Ponte, Engenho da Praia etc.) e o município de Cachoeira. São, mais ou menos, 120 quilômetros de viagem. As regiões vivem da pesca, propiciada pelo rio Paraguaçu, e da agricultura. Podemos afirmar que a população de São Francisco tem descendência dos senhores de engenho e a de Santiago do Iguape dos escravos. A musicalidade e a religiosidade são traços fortes dos dois locais: o samba-de-roda e o candomblé estão entre os mais presentes na região. Ambas também foram portos de embarque para muitas trocas comerciais e pontos de catequese, já que, em Santiago do Iguape, existe uma igreja muito antiga de frente para o rio (a posição bem característica dos tempos antigos de catequese) e, em São Francisco do Paraguaçu, existe um convento enorme, onde padres ficavam hospedados.

Em relação aos envolvidos no Projeto Paraguaçu, alguns estiveram desde a formação deste, outros ingressaram durante a ACC (Atividade Curricular em Comunidade) – trabalhos de campo no currículo de graduação. A coordenadora de campo também acompanha os estudantes nas viagens e produções e não tem vínculo com a Universidade. Todos (ex-participantes ou não) sempre acompanham, via rede, o andamento do Projeto, por ocasião de uma iniciativa de construção de grupo de discussão na internet. É bom frisar que, desde a criação da ACC, doze estudantes têm participado, a cada semestre, desse processo. As ACC's permitiam também uma re-inscrição, a cada semestre, algo que está para ser modificado atualmente com as prováveis matrículas anuais – uma proposta recente dos monitores. Em suma, a convivência entre os estudantes do projeto mantém um grupo fixo (que não consegue abandonar o trabalho mesmo depois de formados por causa de uma relação afetiva) e renova com estudantes de cursos variados que ingressam a cada semestre pela ACC.

De um universo de incontáveis relatos – o Projeto não teve oportunidade de contabilizar –, obviamente, privilegiaremos alguns que se relacionam com as situações escolhidas. Os relatos têm três funções claras: a de sociabilizar as informações e vivências das viagens, já que viajamos nos finais de semana, em sistema de rodízio, e em grupos de quatro, no máximo; a de prestar contas ao financiador sobre as atividades desenvolvidas; além de permitir a devolução à comunidade de nossas formas de convivência.

Os tipos são dois: os “individuais” e os “coletivos”, não se excluindo produções da nossa coordenadora de campo. Não há um formato preconizado. Há, porém, prazos (principalmente, no início da experiência) para evitar a abandono de determinadas convivências e vivências, tidas pelo grupo como essenciais. A temática depende das vivências e até da vontade de cada qual.

Da análise, pensamos em assumir a perspectiva da Análise de Discurso (escola francesa), seguindo, principalmente, uma sugestão flexível de operação, sintetizada por Minayo (1999, p. 217) e retirada da obra de Orlandi (1987)<sup>6</sup> que propõe para a tarefa do analista:

- (1) Análise das palavras do texto (separação dos termos constituintes, análise dos adjetivos, dos substantivos, dos verbos, dos advérbios);
- (2) Análise das construções de frases;
- (3) Construção de uma rede semântica, intermediária entre o social e a

---

<sup>6</sup> Na nossa bibliografia, a obra correspondente é de 2001, porém a edição referida por Minayo é de 1987.

gramática; (4) Consideração da produção social do texto como constitutivo de seu sentido. (Minayo, 1999, p. 217).

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995. (Série: Prática pedagógica).

AUGÉ, M. **Não-Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas; São Paulo: Papyrus, 1994. (Coleção Travessia do Século).

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. do francês por Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira; rev. e trad. Maria Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Ensino Superior)

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari.. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994. (Ciências da Educação).

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Trad. Márcio Verúcio Barbosa, Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. 4 ed. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 2001. 2ª reimp.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes,. 2002.

SANTOS, Milton. **Território e Sociedade**: entrevista com Milton Santos. Entrevistadores Odette Seabra, Mônica de Carvalho e José Corrêa Leite. 2 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. (Ponto de Partida)

SERPA, Luiz Felipe Perret. Educação e Territorialidade: pedagogia da diferença. EDC 721: "Educação e Territorialidade". Salvador: FAGED/ UFBA, 2001. (no prelo).